

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Se o impeachment fosse votado hoje, certamente cairia"

(Do senador Roberto Requião (PMDB-PR))

Michel Temer atola

► **A progressiva, inexorável deterioração do governo interino que, para bem do Brasil, haveria de ser realmente provisório**

Lá se foram os 31 dias de maio, 19 deles sob a vigência do governo provisório de Michel Temer, iniciado no dia 12 deste mesmo mês. Nesse período, curtíssimo período, a administração do vice-presidente ganhou marcas notórias. A mais visível delas é o ressurgimento de um reacionarismo exasperado imposto pela base do Congresso. Mais precisamente, pelo emergente e poderoso "baixo clero".

Essa é a linha divisória traçada entre a presidenta Dilma Rousseff e o vice Michel Temer.

A presença dela no governo abafava, tanto quanto possível, a influência conservadora do Congresso. Dilma impunha, em contraposição à maioria adversária, pautas atentas mais diretamente às questões sociais.

Na votação do *impeachment* na Câmara, ela pagou o preço por isso.

Com Temer, a roda passa a girar ao contrário. Ele segura a batuta. Muitas coisas, porém, são sopradas da coxa para o "maestro" por Eduardo Cunha, figura carimbada pelo procurador-geral da República, Rodrigo Janot, como suspeito de corrupção e lavagem de dinheiro.

O governo temporário está atolado em problemas e em dilemas. Acovardado, joga todos os erros na conta de Dilma. Impiedosamente, mira sua fúria nos programas sociais. Desnortado. Zureta. Suspeito.

As revelações despejadas das gravações clandestinas, produzidas por Sérgio Machado, ex-presidente da Transpetro, expuseram a intensidade das relações promíscuas entre

integrantes dos Três Poderes. Diálogos revelados pelos "grampos" de Machado comprovam com poucas palavras a trama do golpe, até agora vitorioso, para afastar Dilma e sufocar a Operação Lava Jato.

Por mais de 12 anos Machado abasteceu com dinheiro, muito dinheiro, as eleições das figuras mais importantes do PMDB. Mas atendia prioritariamente a Renan Calheiros, hoje presidente do Senado.

Essa corrupta barafunda projetou a cúpula do partido com Temer, Renan, Cunha e Jucá, entre outros, que têm sob controle a força majoritária do Congresso.

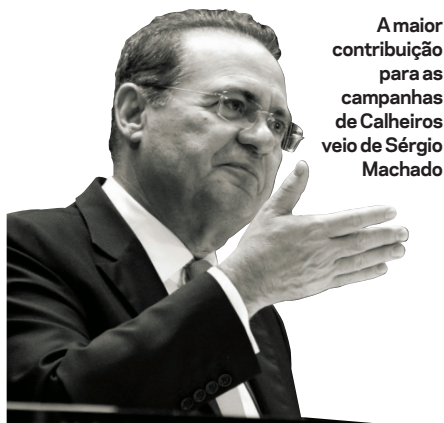
Michel Temer, presidente em exercício, acomoda-se bem a essa velha situação acondicionada em nova embalagem.

"O Michel é Eduardo Cunha", diz num dos "grampos" o senador Romero Jucá, primeiro degolado do governo provisório. Oficialmente, Jucá perdeu o posto de ministro. Informalmente, mantém ainda forte influência junto ao provisório presidente da República.

Há um mar de lama controlado pelo PMDB. Sob as ordens dos peemedebistas funciona a força majoritária do Congresso, por sinal, o mais reacionário dos últimos 50 anos da República. Em poucas palavras, essa grande maioria repudia a luta ambiental, reage aos movimentos sociais e se lixa para os direitos humanos. Talvez até torça para que os indígenas saiam definitivamente de cena. Indícios existem nesse sentido.

O *Diário Oficial da União* do dia 2 de junho publicou a nova estrutura do Ministério do Esporte. Foi para o espaço a Coordenação-Geral de Povos Indígenas, Comunidades Tradicionais e Diversidades.

É mais um ataque aos projetos de inclusão social. Nesse caso, a secretaria foi extinta. Os indígenas sobrevivem.



A maior contribuição para as campanhas de Calheiros veio de Sérgio Machado



Ele gravava
às claras a bem
dos seus eleitores

Você fala, eu gravo

Foi o célebre índio Mário Juruna (1943-2002), ex-deputado, o inventor do uso do gravador como meio de conversar com os políticos.

Ao contrário do agora afaçado Sérgio Machado, ex-presidente da Transpetro, o líder indígena não tinha o objetivo de delatar.

As conversas de Juruna eram republicanas.

Ele cobrava a promessa de apoio dos parlamentares para as causas indígenas.

Promessas vãs.

Lição suprema

Os propagadores da judicialização da política precisam inserir no contexto brasileiro a observação do ministro Aliomar Baleeiro (1905-1978), do Supremo Tribunal Federal, inspirada no juiz Stone, presidente da Suprema Corte dos Estados Unidos:

“Não tenho paciência com a reclamação de que a crítica ao desempenho judicial envolve qualquer falta de respeito para com o Judiciário”.

Prossegue: “Onde os juízes lidam (...) com grandes ques-

tões públicas, a única proteção contra decisões inadequadas, e mesmo contra usurpações judiciais, é o cuidadoso escrutínio de suas atitudes e o comentário sem medo sobre elas”.

Baleeiro, ligado visceralmente à UDN, pela qual se elegeu deputado, não confundia suas convicções políticas com suas simpatias partidárias.

Encontro macabro

É perfeitamente suspeito ou, no mínimo, legalmente irregular o encontro entre o presidente provisório da República, Michel Temer, com o ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, realizado no Palácio do Jaburu, no sábado 28, na calada da noite.

Conversa republicana se dá, oficialmente, à luz do dia, entre representantes dos Poderes.

Devagar, PT

Constatação do deputado petista do Paraná Enio Verri:

“A Corte Interamericana de Direitos Humanos, o papa

e dezenas de chefes de Estado não reconhecem a interinidade de Michel Temer”.

É natural, deputado.

As regras da Constituição de 1988 criaram o problema. Michel Temer é o presidente em exercício e Dilma Rousseff é a presidenta afastada.

Temer pode sair e Dilma pode voltar.

Eis a questão.

Sem voto

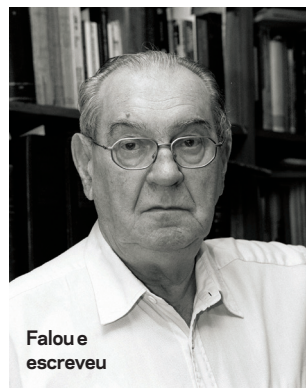
Michel Temer, presidente em exercício, tenta explicar o golpe que ajudou a dar: “Sou consequência da Constituição”.

Que nada, doutor Temer.

O senhor é consequência da vitória da presidenta Dilma Rousseff nas eleições de 2010 e 2014.

Fonte do poder

“Sem a plenitude da participação do povo, o governo não será nunca um governo constitucional, mas governo de fato dissimulado em aparências constitucionais ou sem essas aparências.” (Raymundo Faoro, em *Assembleia Constituinte – A legitimidade recuperada*)



Falou e
escreveu

Diplomacia

Dilma convidou Vladimir Putin para as Olimpíadas no Rio de Janeiro.

O convite será renovado?

Há uma inquietação na Embaixada da Rússia no Brasil.